



A QG Feminista é uma revista digital gratuita feita com trabalho voluntário de mulheres que escrevem e traduzem textos sobre diversos temas importantes sobre a opressão feminina.

Este zine tem o intuito de mostrar alguns de nossos textos para que você venha conosco para a luta! Vamos juntas!

Acesse todos os nossos textos em:  
[qgfeminista.org](http://qgfeminista.org)



## Créditos

### Autoras desta edição:

Aline Rossi  
Bruna Santiago  
fêmea brava  
Grupo de Autocuidado da QG Feminista  
Joms Salvador  
Melina Bassoli  
Selvática  
QG Feminista

### Tradutoras desta edição:

Aline Rossi

### Ilustradoras desta edição:

Capa:

Maria Eduarda  
@ aleatoribemdeboa  
Páginas 4, 5 e 14:  
Hariná Marques  
@ sementesselvagens  
Página 22, 31 e 34:  
Sophia Andrezza  
@ sophiandrezza  
Demais imagens:  
Melina Bassoli  
@estudioartemel

### Quadros:

Página 16:  
Bruna Santiago  
Páginas 18 e 19:  
Melina Bassoli  
Páginas 17 e 25:  
Aline Rossi e  
Melina Bassoli

### Convocação de ilustradoras:

Melina Bassoli

### Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico:

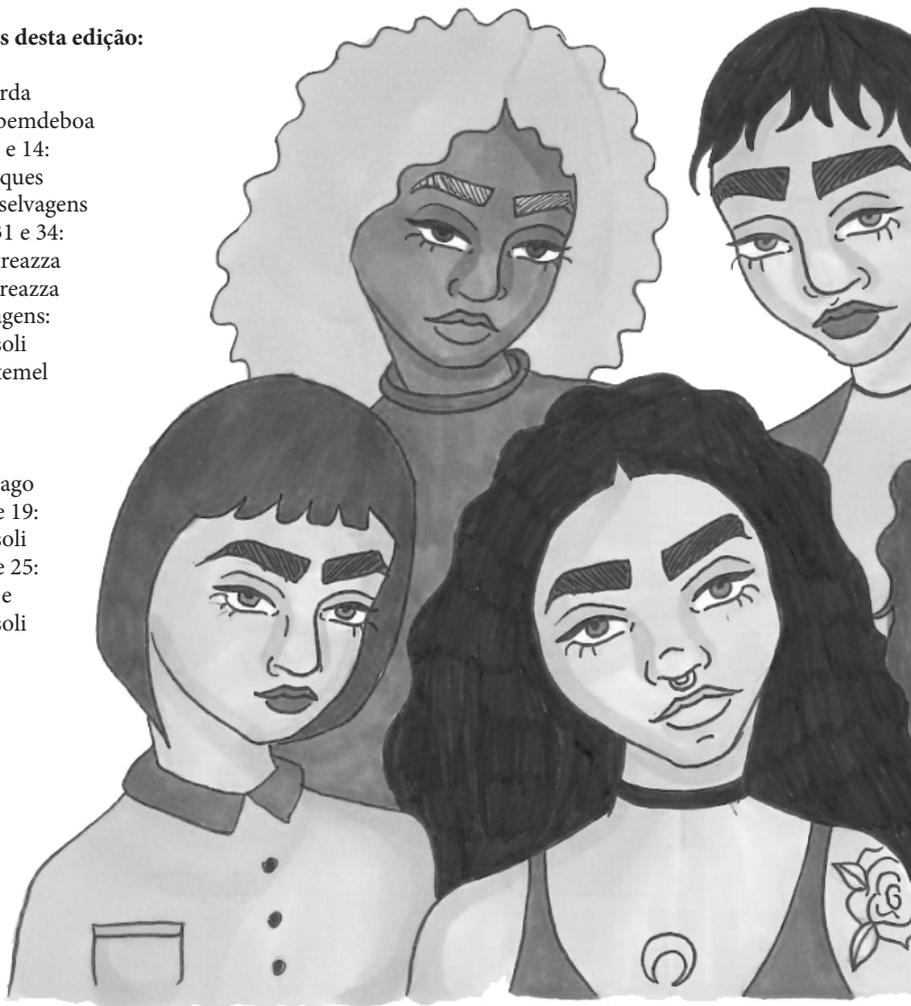
Melina Bassoli

### Produção e Distribuição:

Mariana Amaral

### Idealização:

Cila Santos



# Índice

|  |    |
|--|----|
| Começar é Necessário                                     | 6  |
| Lutas das Mulheres na Era Neoliberal                     | 8  |
| Radicalizando seu Cotidiano                              | 11 |
| A Importância do Autocuidado nas Organizações Feministas | 20 |
| Separatismo como Estratégia                              | 23 |
| Hostilidade Horizontal e Ódio às Mulheres                | 26 |
| Alguém Tem um Absorvente?                                | 35 |
| Manifesta QG feminista                                   | 38 |





# COMEÇAR É NECESSÁRIO

Por: Bruna Santiago e Melina Bassoli

Mulheres, precisamos pensar sobre organização feminista. Sobre como nós, mulheres, somos uma POTÊNCIA REVOLUCIONÁRIA. Sobre como mulheres, ao redor do mundo todo, quando querem, se unem e conseguem mudar suas realidades.

As mulheres têm sido prejudicadas em sua luta por emancipação pela falta de: a) alinhamento organizacional; b) um programa para a libertação; c) continuidade da luta. É tarefa dos nossos tempos organizar o movimento feminista de maneira estruturada, comprometida e contínua. Começando nós próprias por nos organizarmos coletivamente.

Começar uma coletiva pode parecer um bicho de sete cabeças, mas não é. Você pode começar fazendo um chamado para uma reunião. Esse chamado pode ser entre suas amigas, ou com cartazes no seu bairro, na sua escola ou faculdade, no seu ambiente de trabalho, ou mesmo pela *internet*.

A organização é necessária porque justamente a atomização das mulheres foi uma das maiores vitórias da dominação masculina ao longo dos anos e também um de seus maiores empreendimentos. A família moderna (um modelo falido que, contudo, continua a ser propagandeado e até desejado por muitas de nós) foi a catarse dessa atomização, separando mulheres de suas comunidades e isolando-as na família nuclear, presas na maternidade compulsória e no ciclo de trabalho doméstico.

Mulheres estarem juntas no mesmo espaço é o primeiro passo para se formar um grupo feminista, mas nem toda reunião de mulheres necessariamente é feminista. E certamente devemos questionar se toda organização que se diz feminista é feminista de fato, afinal, as cooptações não são poucas. Então, o que caracteriza uma organização como feminista? Alguns princípios bases são ter no centro a defesa do interesse das mulheres e no horizonte a libertação.

Para se formar uma organização feminista, precisamos então de um programa que vise aos interesses das mulheres na sociedade. Um programa de estudo pode ser o começo: ler textos coletivamente e discutir, a fim de alinhar-se politicamente. Além disso, uma coletiva necessita de ação. Ações que podem ser campanhas, intervenções artísticas que visem à conscientização de pessoas (cartazes, peças de teatro, apresentações musicais...), palestras (em escolas, associação de moradores, prisões...), protestos e caminhadas, oficinas, dentre outras.

Começar um grupo é relativamente simples, porém manter um grupo político unido e ativo é mais difícil. Grupos nascem e morrem com facilidade, esmagados pela falta de tempo, recursos e por ataques. Pode parecer apenas jogar tempo fora se concentrar em alinhamento político e construção de confiança entre as membras no começo de um grupo, mas é essencial para a continuidade dele no longo prazo.

Nem sempre também nos sentimos aptas a sermos nós as organizadoras, essa segurança pode demorar para aparecer, mas é possível construí-la. Para que a tenhamos, podemos primeiro

buscar sermos organizadas por outros grupos. Pode ser que não haja uma coletiva feminista na sua região para você integrar, mas certamente há outros grupos de ativismo e militância que podem ser do seu interesse: um grupo anarquista, um partido, um movimento social, defensores de meio ambiente e animais, cursinhos comunitários, entre outros. Não fique isolada; aprenda com outros grupos e traga seu aprendizado e sua experiência para dentro do movimento feminista. Temos de começar por algum lado, afinal, o movimento feminista somos nós. Ninguém mais.

Nós nos formamos enquanto feministas e militantes na prática, no cotidiano, na luta junto do movimento e dos movimentos sociais em geral: participando e organizando manifestações, participando e organizando grupos de estudos, participando e organizando debates e ações públicas.

Não há uma receita mágica, mas uma coisa é certa: se não fizermos, não avançamos e nada muda. Não dá mais para ficarmos paradas, aguardando uma revolução que não construímos. A responsabilidade é nossa. Comece pequeno, mas comece. Comece hoje!



# LUTAS DAS MULHERES NA ERA NEOLIBERAL: O MOVIMENTO INTERNACIONAL DAS MULHERES E O IMPERIALISMO

Por: Joms Salvador (parte de um discurso proferido em 2015)

Traduzido por: Aline Rossi

Saudações calorosas de irmandade militante!

Após mais de 30 anos de políticas neoliberais, as mulheres enfrentam desafios cada vez maiores. A globalização imperialista, de fato, não oferece nenhuma esperança para qualquer avanço significativo na situação oprimida das mulheres.

Governos reacionários afirmam que as mulheres têm poder, mas as situações descritas por nossas irmãs não descrevem situações de mulheres com poder. Na realidade, as políticas neoliberais não empoderaram e não vão empoderar as mulheres. Como os governos que se recusam a ver a realidade das mulheres poderiam trabalhar para mudar a situação das mulheres? No final, as políticas antipovo, anti-mulheres e as leis repressivas dos governos fornecem o impulso para as lutas das mulheres.

As várias formas e níveis de luta que estamos travando em nossas frentes domésticas contra a globalização imperialista, a intervenção estrangeira e o patriarcado, e pelo interesse de nossa nação e povos, servirão como a força vital de um movimento internacional revitalizado e revigorado das mulheres.

E é com o envolvimento das mulheres na luta, no movimento, que as mulheres se tornam verdadeiramente empoderadas.

## **Empoderar mulheres na construção do movimento**

Nosso futuro será determinado por quão forte será o movimento de mulheres que conseguiremos construir em nossos próprios países,

dentro das nossas fronteiras nacionais, e pelo quanto conseguiremos dar os braços umas às outras para desenvolver a força de um movimento internacional de mulheres.

A situação atual das mulheres deve servir como um sinal de alerta para tempos mais desoladores que estão por vir. Deve nos impulsionar a continuar o que começamos em termos de construção de um amplo movimento de mulheres. Não devemos deixar que as lutas das mulheres à nossa frente sejam desperdiçadas; sejamos sempre firmes no fortalecimento do movimento mundial das mulheres militantes.

Na situação atual, devemos ser mais resolutas, mais militantes em organizar, educar e mobilizar todas as mulheres da classe trabalhadora e em vincular nossa luta às lutas do povo. O papel das mulheres da classe trabalhadora é muito importante e sua situação atual fornece ímpeto mais do que suficiente para aumentar sua militância e continuar a construir um sindicato de mulheres trabalhadoras.

No cerne do ataque neoliberal à classe trabalhadora, está o impulso de fixar os salários abaixo de algo sem precedentes por meio

da contratualização: “racionalização” dos salários e, recentemente, o sistema de salários em dois níveis. A individualização do contrato de trabalho e a informalidade do trabalho sob o neoliberalismo exacerbaram a “invisibilidade” do trabalho das mulheres, junto ao aumento dramático do trabalho não-remunerado e do trabalho fora da economia formal, sem benefício social nem proteção. As mulheres devem combater a constrição dos direitos trabalhistas básicos das trabalhadoras e do direito à livre associação, um ataque que privou os trabalhadores, inclusive mulheres, de uma arma eficaz na luta por um salário digno e outros interesses de classe.

As mulheres camponesas e as mulheres na agricultura devem expor e combater a concentração acelerada de riqueza nas mãos das elites globais e nacionais que trouxeram mais miséria com a intensificação da apropriação e conversão de terras pelas empresas. O neoliberalismo acelerou a concentração da propriedade da terra nas mãos de grandes corporações e proprietários de terras, deslocando massivamente as mulheres e suas famílias como cultivadores primários e produtores de alimentos. As concessões de mi-

neração e exploração deslocaram inúmeras comunidades indígenas, colocando em risco as culturas indígenas e a vida tradicional. Organizações de camponesas, agricultoras, tribais e indígenas devem levantar suas bandeiras e continuar a luta por terra e vida.

### **Fortalecendo o movimento internacional das mulheres**

De fato, um forte movimento internacional de mulheres nos dará imensa força para expor incansavelmente o imperialismo dos EUA e de outros regimes neoliberais. Os EUA arrogaram sobre si os poderes de uma polícia global. Não apenas implementaram medidas politicamente repressivas em sua frente, mas sob o disfarce de uma guerra contra o terrorismo, os EUA também estimularam a ascensão do militarismo, conflitos étnicos, guerras por procuração e fundamenta-

lismo para justificar suas guerras intervencionistas e alimentar seu monstruoso complexo industrial-militar.

Mais de 30 anos de neoliberalismo lançaram o mundo em uma crise mais prolongada e abrangente do que jamais testemunhamos. Ao contrário das promessas de “competitividade global”, “fluxo livre de capital” e “livre-comércio”, as políticas neoliberais de liberalização, desregulamentação e privatização causaram estragos na vida das pessoas em todos os lugares.

As mulheres detestam o empobrecimento e as condições desoladoras que esse sistema lhes trouxe. As mulheres querem mudar o sistema que as acorrentou a um sistema de exploração e opressão.

Irmãs, vamos nos unir e lutar pela nossa libertação! Organizar! Organizar! Organizar!

**Abaixo o Imperialismo!**





# RADICALIZANDO SEU COTIDIANO

Organizando-se politicamente

Por: Bruna Santiago

Prática e teoria são uma coisa só. Como escrevemos e elaboramos nosso pensamento a partir de nossa vida cotidiana, de nossas experiências, de nossa luta e de nossos relacionamentos, a teoria feminista radical existe na prática, e a prática feminista radical é de onde vem sua teoria.

Principalmente porque o feminismo é um movimento de libertação coletiva, nossas ações e práticas não podem ser voltadas só para nós mesmas individualmente. Por mais que a produção de conhecimento feminista nos empodere, por mais que nos ajude a nos sentirmos menos loucas e mais acolhidas, por mais que nos ajude a repensar e a efetivamente mudar diversas atitudes e pensamentos individuais nossos, é preciso lembrar que o foco é a emancipação coletiva. Por óbvio, é algo que somente conquistaremos quando todas estivermos conscientes de nossa condição social, dos lugares que ocupamos na sociedade enquanto mulheres. Porque, como Audre Lorde já disse: “Não serei livre enquanto alguma mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”.

## 1. Estude

Existem muitas formas de se organizar politicamente e existem muitas formas de atuar em prol de uma causa. Mas mesmo as pessoas que se juntam pra fazer ações pontuais precisam, em algum momento, se reunir para debater e ler, minimamente, o que já foi produzido sobre aquelas ações.

Pensando em termos de libertação das mulhezes, o estudo se faz ainda mais necessário porque é somente por meio da leitura que conseguimos identificar de onde surgem nossos problemas, como enfrentá-los, quais objetivos queremos alcançar. É somente com a leitura e com o estudo

que conhecemos o que outras mulheres já pensaram e a quais conclusões elas chegaram; quais experiências práticas já foram feitas; o que ainda é preciso desbravar.

Quando não lemos, quando não fazemos levantamento bibliográfico e científico das experiências e conclusões de outras mulheres, ficamos presas no mesmo nível de desenvolvimento intelectual eternamente. Reinventando a roda. Sem sair do lugar.

Nós estamos em 2021. Temos 60 anos de teoria feminista sendo consistente e constantemente produzida. Indo além, temos pelo menos 200 anos de mulheres consistente e constantemente escrevendo sobre sua condição na sociedade. Olhando ainda mais longe, temos registros de mulheres insubmissas e furiosas ao longo de toda a história. Nós não precisamos reviver o que elas viveram e não precisamos passar pelo que elas passaram. O legado das mulheres que vieram antes de nós deve nos servir justamente para que possamos evitar cair nas armadilhas e nas dificuldades que foram a elas impostas.

Assim, é nosso dever como feministas sérias e comprometidas organizar-nos para estudar e difundir teoria feminista.

Isso pode ser feito de diversas formas. Montar grupos de estudos é sempre uma ótima ideia, porque estar em grupo torna a leitura mais prazerosa e o processo de troca de ideias é sempre muito enriquecedor. Textos feministas sempre nos fazem remeter a experiências de nossas vidas, e o compartilhamento dessas experiências também é muito valioso — porque, de novo, teoria é prática e vice-versa. Combinar de ler alguns textos com amigas, colegas de sala; mandar um texto pra alguém por meio de uma rede social e trocar ideias; mostrar um trecho ou uma frase pra sua mãe enquanto vocês andam juntas por aí — as possibilidades de troca são infinitas, e material não falta.

Em algum momento, você vai começar a ler os textos e pode pensar: “é muita coisa, eu não sei nada disso, eu nunca vou conseguir entender, tem coisa demais pra ler”. E é verdade, nós sabemos muito pouco, a produção é muito extensa e nunca, jamais, estaremos “em dia” com o que está sendo produzido. Mas isso é consequência do fato de a luta estar em constante desenvolvimento; o feminismo está em constante desenvolvimento; nós, como pessoas, como mulheres, estamos em constante mu-

dança e amadurecimento. Você certamente vai ler e compreender de forma diferente daqui dez anos um texto que está lendo hoje. O que não significa que você não o tenha entendido hoje. Sempre começamos de algum lugar.

## 2. Organize-se

Existem muitas formas de contribuir para a emancipação de mulheres. Como nossa experiência de opressão e de privação de direitos é sentida e vivenciada em todas as áreas de nossas vidas, é possível atuar em todas: mercado de trabalho, maternidade, sexualidade, relacionamentos, educação e instrução... É possível atuar individual e coletivamente, autônoma ou institucionalmente. É possível ajudar na elaboração de leis que servirão de base para políticas públicas. É possível ajudar fazendo pesquisa, que está na base de tudo. Você pode fazer como nós, da QG Feminista, e auxiliar na difusão de conhecimento (traduzindo, tornando as ideias mais acessíveis, produzindo material). Você pode se organizar com outras mulheres e, juntas, pensar em ações coletivas: encontros, feiras, arrecadações, protestos e atos, intervenções.

Mais cabeças pensam melhor do que uma só. Mais mãos manuseiam mais do que só duas. Mais costas aguentam mais peso do que só uma.

É também na estrutura e no funcionamento dessas organizações (coletivas, frentes etc.) que colocamos em prática as ideias feministas a respeito de como a sociedade deve ser. Uma vez que o feminismo prega autonomia, combate hierarquias e sistemas de poder, e preza pela irmandade e pelo cuidado mútuo, é incompatível com ideais feministas estruturas hierarquizadas, com tomadas de decisão centralizadas. Coletivas feministas devem ser horizontalizadas — todas têm a mesma voz. Todas devem ser ouvidas e todas têm o direito de falar.

Não podemos reproduzir, entre nós, formas masculinas de controle, de humilhação e de exclusão — o que não significa passar a mão na cabeça e fazer vista grossa para atitudes ou comportamentos discriminatórios dentro do próprio grupo (como racismo, lesbofobia, classismo e qualquer forma de preconceito). É necessário, para isso, que estejamos dispostas a aprender umas com as outras; que saibamos reconhecer quando estamos erradas; que



realmente escutemos umas às outras quando algo machuca ou ofende; que estejamos dispostas a rever ideias e comportamentos que sempre fizeram parte da nossa realidade.

O que também não significa silenciar-se ou silenciar as outras. Novamente: estamos em constante (e eterna) construção e reconstrução. Estamos sempre aprendendo e reformulando e aprimorando teorias e práticas. E a nossa utopia feminista será alcançada com criatividade, diálogo, dialética e construção coletiva: sempre juntas.

### 3. Construa uma rede de apoio

Estudar, movimentar-se, organizar-se, fazer trabalho de base — são ações exaustivas física, mental e emocionalmente. E por motivos nem tão óbvios assim: é angustiante tomar real consciência da nossa condição e de todas as implicações de se ser mulher nesse mundo; é desesperador ler e ouvir relatos, experiências, relatórios, entrevistas e pesquisas a respeito da condição das mulheres ao redor do mundo. É doloroso conhecer nossa história. É avassalador parar e perceber o quanto ainda

falta, o quanto ainda precisamos caminhar. Porém você não precisa lidar com nada disso sozinha.

É muito importante você se lembrar de que você não está sozinha. A força do movimento feminista está, precisamente, no fato de que é um movimento coletivo com a capacidade de abarcar mais da metade do mundo. Os objetivos que traçamos e as estratégias que elaboramos têm a coletividade em sua essência.

Uma rede de apoio é uma estratégia política de sobrevivência numa sociedade que nos isola justamente para nos fragilizar.

É preciso organizar mulheres para cuidar umas das outras e de si mesmas. Por cuidado, quero dizer escuta, acolhimento, fortalecimento, orientação, mas também ajuda material: opte por comprar produtos feitos por mulheres, contratar serviços de mulheres, recomendar mulheres. Priorize mulheres pobres, mulheres negras e indígenas, mulheres camponesas e artesãs. Ofereça-se para cuidar do filho da sua amiga, ofereça ajuda às mulheres mães, chame-a pra sair pra vocês irem a algum lugar que acolha crianças — mães são as mulheres mais desamparadas da sociedade. Incentive suas amigas e companheiras a

cuidarem da própria saúde mental, fazer terapia. Esteja lá pra elas, mostre que é possível, que juntas nós conseguimos. Acolha aquela sua amiga que está passando por um momento difícil. Não feche os olhos pro relacionamento abusivo pelo qual está passando sua outra amiga. Esse cuidado deve ser estendido a desconhecidas: interfira em situações de abuso (na medida em que isso não colocar você em risco. Existem diversas formas de atrair a atenção de uma mulher e de levá-la pra longe de um abusador/assediador). Cuide daquela menina bêbada que parece sozinha no rolê. Isso fará diferença pra quem você estiver ajudando; ela se lembrará disso e passará esse cuidado adiante.

Esse cuidado — de si e das outras — fortalece as possibilidades de organização e união políticas. Porque esse cuidado de que eu falo aqui envolve estar no mundo, participar ativamente dele, tentar mudá-lo; não tem nada a ver com se isolar, com fugir dos dramas e das angústias, com “dar um tempo”, com “deixar de seguir”, com “bloquear” — todas estratégias que te afastam da luta e nos afastam de nossos objetivos.

Nunca se esqueça: a irmandade entre mulheres é poderosa.

## Sobre “A Tirania das Organizações sem Estrutura”, de Jo Freeman

“Se o movimento quiser avançar além desses estágios elementares de desenvolvimento, ele deverá livrar-se de alguns de seus preconceitos sobre organização e estrutura. Nenhum dos dois tem nada de intrinsecamente ruim. Eles podem e frequentemente são mal usados, mas rejeitá-los de antemão porque são mal usados é nos negar as ferramentas necessárias ao nosso desenvolvimento ulterior. Precisamos entender porque a ‘ausência de estrutura’ não funciona.”

(Jo Freeman)

Jo Freeman, em seu texto sobre a tirania da ausência de estruturas, comenta sobre um fenômeno que começou a acontecer nos movimentos feministas: a rejeição às estruturas organizacionais “formais” de trabalho, sob a linha de raciocínio de que estrutura é sinônimo inequívoco de hierarquia.

O que Jo nos demonstra, no entanto, é que todo grupo, coletiva ou organização tem estrutura, só que algumas são formais, e outras, informais. As estruturas informais são aquelas que ficam implícitas, subentendidas, e se formam quando não há estrutura explícita, combinada. Ela existe em TODOS os grupos e surge a partir da comunicação espontânea de pessoas mais próximas — amigas — dentro da coletiva, ou de pessoas que naturalmente são mais proativas. E isso, por si, não é ruim — mulheres possuem habilidades e personalidades diferentes. O problema surge quando as mulheres dessas “coligações” passam a dar ouvidos umas às outras não pelo que fazem pelo movimento, mas precisamente por serem amigas, excluindo vozes externas.

Quando há estrutura, há responsabilização de pessoas, há divisão de tarefas, há possibilidade de cobrança política — há coletividade, não há estrelismo nem instrumentalização para pautas próprias. A estrutura é um pré-requisito para o avanço do movimento das mulheres: “quanto mais inestruturado um movimento é, menos controle ele tem sobre as direções em que se desenvolve e as ações políticas em que se engaja”. **Leia com sua coletiva o texto completo!**

UM MOVIMENTO É QUANDO ORGANIZAÇÕES DE PESSOAS SE UNEM EM UMA FORÇA PODEROSA PARA SUPERAR A EXPLORAÇÃO E A OPRESSÃO E MUDAR A SOCIEDADE COMO UM TODO, NÃO APENAS PARA PROGREDIR NA PRÓPRIA VIDA. PORTANTO, O TRABALHO DE MOVIMENTO ESTÁ EM SE ORGANIZAR COM OUTRAS PESSOAS PARA GANHAR PODER SUFICIENTE PARA REALMENTE VENCER.

É NECESSÁRIO UNIR MULHERES PARA VENCER; VOCÊ NÃO PODE SIMPLEMENTE "MUDAR A SI MESMA" PORQUE VOCÊ NÃO É O PROBLEMA - A SUPREMACIA MASCULINA É. PARTICIPE DE UM GRUPO OU ORGANIZE UM, MESMO QUE SEJA PEQUENO E INFORMAL. UM MOVIMENTO SEM ORGANIZAÇÕES É IMPOTENTE. REÚNA UM GRUPO DE MULHERES E FAÇA CONSCIENTIZAÇÃO. SEJA AUTÊNTICA. ESQUEÇA A CELEBRIDADE - SEGUIR UMA OU TENTAR SER UMA. APRENDA COM A HISTÓRIA.



LEMBRE-SE DE QUE A MÍDIA SOCIAL É EXCELENTE PARA MOBILIZAÇÃO, MAS QUANDO SE TRATA DE ORGANIZAR, TEORIZAR E APRESENTAR BOAS IDEIAS, NADA SUBSTITUI A CONSCIENTIZAÇÃO E A DISCUSSÃO PRESENCIAIS.

POR FIM,  
BASTA  
FAZER.

---

Trechos da entrevista com Carol Hanisch,  
realizada por Gabrielle Tree em 2013, traduzida Aline Rossi.

# COMO PRESSIONAR

Nós, como sociedade civil, podemos e devemos participar da gestão pública. Às vezes parece impossível que isso possa ser feito, mas não é. Pode até ser cansativo e muitas vezes frustrante, porque nem sempre dá resultado, mas é executável.

A participação da qual falo aqui é a de fazer pressão sobre o poder público para ter nossas demandas atendidas. O empresariado e os latifundiários fazem isso o tempo todo, praticando o que ficou conhecido como *lobby*. Eu sei que não temos a força deles, mas temos confiança de que nossa causa é justa e, por isso, devemos seguir apesar das adversidades.

A primeira coisa que precisamos é ter uma demanda específica e realizável. Não adianta muito chegar para um político para falar que você quer mais feminismo (demanda genérica) ou o fim do feminicídio (demanda irrealizável na instância executiva e legislativa). Para saber se sua demanda é boa, você tem que saber o que o político que você quer pressionar pode fazer: conheça as atribuições do legisla-

tivo e do executivo, nos âmbitos municipais, estaduais e nacional. Um vereador, por exemplo, pode propor leis de distribuição de absorventes em escolas públicas, mas não pode descriminalizar o aborto, por exemplo. Além disso, conhecer a realidade demográfica em que se vive é importante, ou seja, quais demandas são importantes na sua comunidade.

Outra coisa essencial é ter gente do nosso lado. Nós somos culturalmente desestimulados a participar da vida pública, então, é preciso primeiro convencer as pessoas da importância da demanda que você está propondo. No exemplo dos absorventes, de novo, estude sobre pobreza menstrual e passe adiante seu conhecimento, tendo em vista o convencimento das pessoas. Quando não se tem dados suficientes sobre a realidade local, propor uma pesquisa de campo é uma boa estratégia para uma política pública inicial. Converse com pessoas influentes na área em questão, por exemplo: se for uma demanda educacional, fale com professores; se for uma demanda de saúde, com médicas etc.

# O PODER PÚBLICO

Mais um ponto importante é saber a quem demandar. Conheça os vereadores de sua cidade e os deputados de seu estado. É mais fácil se comunicar com esses políticos. Mande *e-mails* para eles com suas demandas, com links para reportagens que digam porque ela é importante. Vá nas sessões da câmara de vereadores e leve cartazes com suas demandas. Sei que às vezes tendemos a querer mudar tudo de uma vez, mas, no nível municipal, a possibilidade de influenciar decisões e

de pressionar os políticos é maior. Para as demandas feministas, tente falar especialmente com políticas mulheres, peça para elas se atentarem ao que você quer.

Por fim, não perca de vista a revolução. Saiba que tem mulheres e crianças precisando de soluções pontuais agora e isso também é parte da caminhada feminista, mas nunca se esqueça desse horizonte que você deseja, tudo o que fizermos deve levar em conta a construção de uma sociedade feminista no longo prazo.

**QUE A  
INJUSTIÇA  
NÃO TE  
DESANIME  
QUE  
TE  
RADICALIZE**





# A IMPORTÂNCIA DO AUTOCUIDADO NAS ORGANIZAÇÕES FEMINISTAS

Por: Grupo de Autocuidado da QG Feminista

Vivemos em uma época de perseguição a militantes. Existe uma vontade forte, por parte de alguns setores sociais, de criminalizar diversas lutas pelos direitos humanos. O clima de perseguição e silenciamento produz um sentimento de insegurança em ativistas e militantes. Esse sentimento de insegurança aparece também no meio feminista, porque sofremos diversos ataques regularmente.

O feminismo encontra resistência em diversas frentes da sociedade. A depender da pauta, sofremos represálias de conservadores, de liberais ou dos ditos progressistas. Além disso, enfrentamos diariamente nos espaços públicos e nas nossas relações pessoais muitos desafios que podem acabar por nos afastar da luta. Se não nos sentimos bem, confiantes e seguras, dificilmente conseguiremos seguir na militância feminista.

O bem-estar de feministas é de extrema importância para a luta, porque só assim podemos continuar resistindo às diversas dificuldades encontradas no caminho. Além disso, o bem-estar de todas as mulheres deve ser também uma preocupação do feminismo, porque o pessoal é político.

Não se pode pensar que o bem-estar é apenas individual, porque todas as questões que afetam as pessoas em geral estão entrelaçadas com a sociedade. Somos seres sociais, as nossas vidas não existem de forma descoladas do meio em que vivemos. O que as pessoas fazem reflete na sociedade e é também reflexo dela. É isso que significa o pessoal ser político. Os atravessamentos que afetam as mulheres, como seus problemas cotidianos, por mais pessoais que possam parecer, também devem ser pautas do feminismo.

Devemos também estar abertas a reconhecer as diferenças entre as mulheres. Os caminhos traçados por mulheres de diversas classes e etnias não são os mesmos. Além disso, a subjetividade de cada uma é importante.

Nós somos diversas e essa diversidade é parte de nossa força. Audre Lorde diria que reconhecer onde nossos caminhos se cruzam e onde divergem é importante para avançarmos na luta, porque estamos conectadas como uma classe. Aprendemos sobre essas diferenças quando escutamos umas às outras e compreendemos que podemos aproveitá-las de uma forma que fortalece a todas nós.

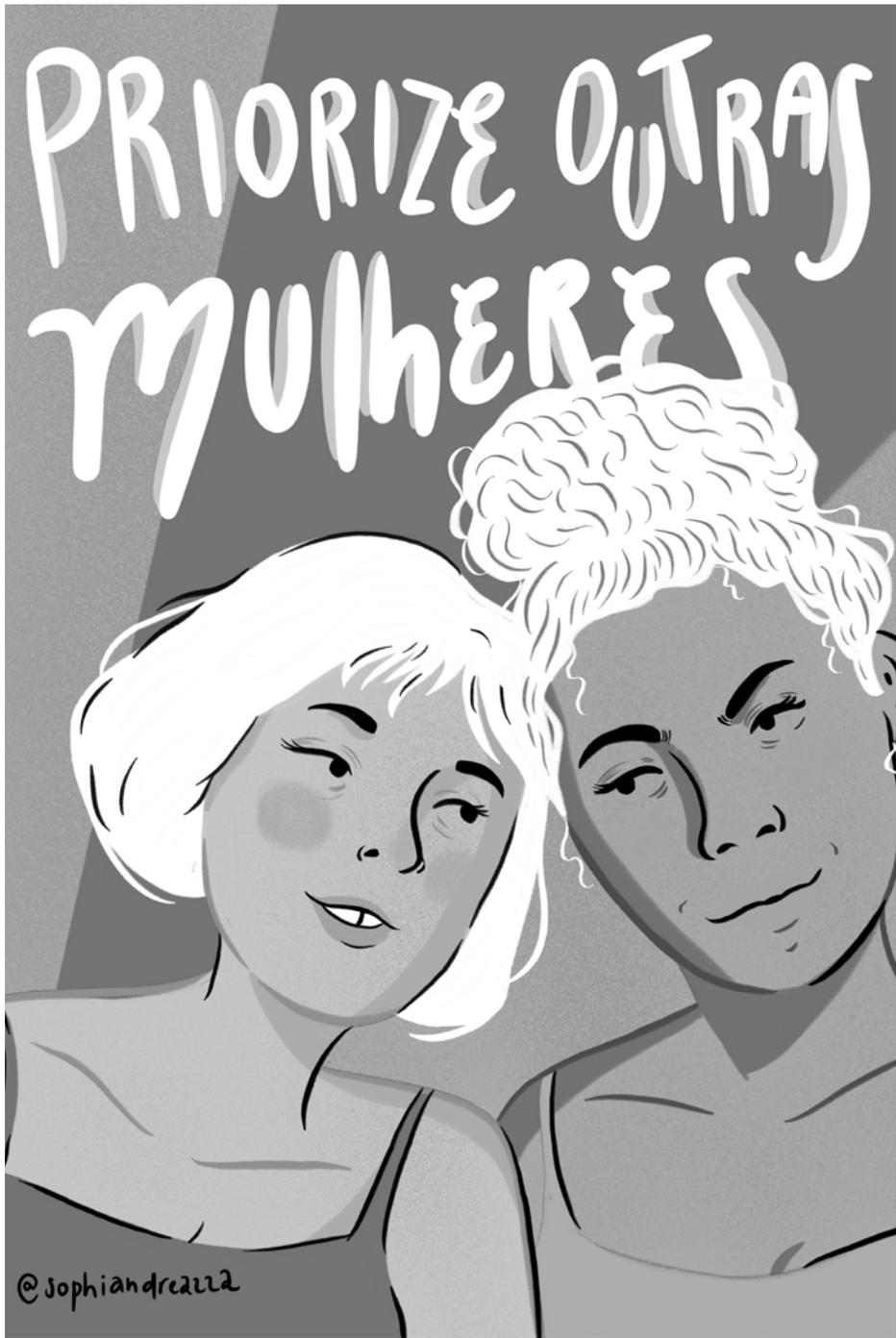
Nos espaços de autocuidado feminista é possível adquirir habilidades de organização e de grupo, que não estão disponíveis em outras frentes de militância. Contudo esses espaços são raros. Muitas vezes não são nem pensados ou são deixados de lado como algo de menor importância. Mas não é. Historicamente, a reunião de mulheres é vista como perigosa. Nossas falas são interpretadas como fofocas ou mentiras. Se vivemos numa sociedade violenta, que nos descredibiliza e silencia, precisamos aprender a nos cuidar. Precisamos saber que temos uma rede de suporte e que sabemos como nos proteger dessa violência, não só fisicamente, mas mentalmente também.

Saber ouvir e se fortalecer, no entanto, demanda uma metodologia que possa ser eficaz para

a não-formação dos chamados “grupos terapêuticos”, como nos ensina Aline Rossi, feminista e autora do blog Feminismo com Classe; ou como nos ensina Carol Hanisch, em seu famoso texto “O pessoal é político”. As experiências de mulheres devem servir para nos entendermos enquanto classe, para nos ajudar a tomar decisões coletivamente, para nos estimular a agir coletivamente e, como consequência, devem servir para nos fortalecer. Para engajar mulheres para a luta.

O medo e a sensação de impotência nos desestimulam. Assim, a mobilização da luta de mulheres acaba passando pelo bem-estar das militantes. Precisamos estar juntas e nos fortalecer, para o nosso próprio bem e o do movimento de mulheres. Precisamos sempre nos recordar de que aquilo que fazemos é importante.

A questão do autocuidado nos espaços feministas deve ser debatida. Como estão se sentindo as militantes (a saúde mental e o bem-estar) é muito importante para suas vidas e também para a própria luta. As mulheres que se sentem seguras e acolhidas nos espaços normalmente acabam se envolvendo mais e sendo mais comprometidas com a causa.





# SEPARATISMO COMO ESTRATÉGIA

Por: Aline Rossi

Nos últimos tempos, tenho me dedicado a traduzir ou escrever textos sobre organização, que vocês podem encontrar no meu *blog*: [feminismoclasse.medium.com](http://feminismoclasse.medium.com).

Meus objetivos eram (e são) sobretudo: compilar experiências de todo tipo, de forma a aprendermos com elas, em vez de começarmos sempre da estaca zero, cometendo os mesmos erros para chegar às mesmas conclusões e ao mesmo desgaste final; e que as mulheres vissem quanta luta já tinha sido feita e está sendo feita e, assim, se inspirassem para se organizarem.

Inicialmente, peguei muitos conteúdos produzidos por mulheres norte-americanas e do norte da Europa, porque eram os mais acessíveis e fáceis de encontrar. Quando comecei a ler e traduzir conteúdos de mulheres da América Latina, Ásia e África, apesar de ver contextos e condições completamente diferentes daqueles anteriores, encontrei o mesmo padrão: elas acabavam todas, sem exceções, por reforçar a necessidade de se organizarem de forma autônoma. Autônoma fora dos grupos/sindicatos/movimentos/partidos/instituições ou autonomamente dentro dos mesmos, porque a relação com homens, inevitavelmente, em algum momento, se tornava um empecilho para a conscientização, desenvolvimento ou organização de mulheres.

Todas narram que, de alguma forma, os homens eram um problema. Ou os homens punham travões na sua luta (por exemplo, nos sindicatos, usando mulheres como bucha de canhão para conter fura-greves e para fazer o trabalho administrativo, mas depois impedindo que negociassem suas próprias condições e recusando-se a incluir suas demandas); ou impediam o pleno desenvolvimento e conscientização das mulheres, não permitindo que elas falassem, menosprezando o que diziam, não valorizando a sua participação etc.

E são textos de épocas tão diferentes — décadas de 1960, 1970, 1980, 1990 — e contextos tão diferentes — Estados Unidos, Itália, Venezuela, Argentina, Afeganistão, entre outros —, mas os problemas são os mesmos.

Lembrei-me dos escritos da Maria Mies, no primeiro capítulo de “Patriarcado e Acumulação em Escala Global”, em que ela comenta sobre como as mulheres do “terceiro mundo” rejeitaram por muito tempo o feminismo e se destacavam abertamente dele, porque havia uma carga pejorativa, muitas vezes vindo marcado como “feminismo burguês”, mas depois conta que: “Parece que quando as mulheres do Terceiro Mundo começaram a lutar contra algumas das manifestações mais cruéis da relação opressiva homem-mulher, como assassinatos pela honra e violação na Índia, ou o turismo sexual na Tailândia, ou a clitoridectomia em África, ou as várias formas de machismo na América Latina, foi inevitável chegarem ao mesmo ponto a partir de onde começou o movimento feminista ocidental, nomeadamente a relação homem-mulher profundamente exploradora e

opressiva, apoiada por uma violência direta e estrutural que se entrelaça com todas as outras relações sociais, incluindo a atual divisão internacional do trabalho”.

E aí eu lembro de quantas vezes homens que se veem como vanguarda e revolucionários me falaram diretamente fazendo pouco caso dessa necessidade de discutir à parte para que mulheres pudessem ter autonomia. Eles usam isso — é uma estratégia, não uma afirmação da natureza imutável das coisas — para nos atacar dizendo que colocamos mulheres e homens como inimigos e classes antagônicas, quando geralmente são eles mesmos que criam os problemas e barreiras para a atividade política e revolucionária de mulheres.

Pra mim, a autonomia e o separatismo é uma estratégia legítima, ainda necessária e válida. Não substitui a luta mista, é ao mesmo tempo paralela e sobreposta a ela. E, como disse e bem a Barbara Leon, que compunha o coletivo Redstocking, o separatismo é uma estratégia válida, conquanto seu objetivo seja superar a segregação existente e não meramente reforçá-la.

## O que é trabalho de base?

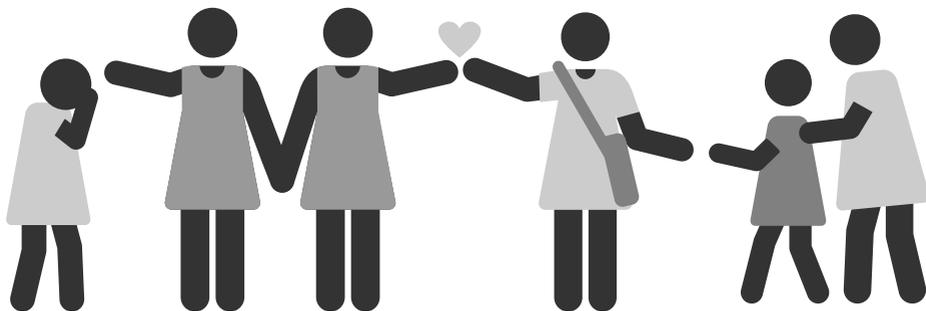
Trabalho de base é a atuação militante que se faz junto às pessoas que são a base do movimento social do qual você faz parte, com objetivo de impulsionar e criar condições para a organização popular, de modo que a base atue em prol de determinado horizonte político e na resolução dos problemas existentes.

Se estamos falando de feminismo, a base somos as mulheres. A atuação deve se dar por meio de conscientização e organização, para que as mulheres possam ter as ferramentas necessárias para promoverem sua própria emancipação. Para isso é necessário propaganda: tenha um bom discurso, que apresente bem a teoria, dados e propostas.

Conscientizar e formar lideranças locais é um passo importante na luta feminista, porque a militância acaba sendo mais efetiva do que aquela feita por pessoas “de fora”. A formação se dá na construção de um espaço que permita a participação popular: as mulheres devem ser estimuladas a se unirem e a vocalizarem suas demandas.

Além disso, se compreendemos que queremos suplantar um sistema, uma estrutura, então necessariamente devemos pensar em termos de uma luta coletiva e de massas — daí a necessidade do trabalho de base para a multiplicação do movimento e sua força.

Quando conseguimos trabalhar na nossa própria comunidade, nós conseguimos a confiança das mulheres, além de nos livrar de um olhar colonizador e condescendente. A própria comunidade deve ter voz nas discussões sobre o que é necessário e urgente para ela.





# HOSTILIDADE HORIZONTAL E ÓDIO ÀS MULHERES

Por: Fêmea Brava e Selvática

Como mulheres vivendo em um sistema patriarcal, muitas vezes sentimos a necessidade de formar grupos exclusivos de mulheres. Seja para que possamos nos organizar politicamente para discutir, entender e desenvolver estratégias para a luta contra nossa opressão sem a interferência de homens; seja para que encontremos espaços minimamente seguros, onde não nos sintamos física e psicologicamente ameaçadas. Isso também serve para que possamos nos expressar mais livremente em atividades onde usualmente somos apagadas e deixadas de lado. Afinal, na sociedade em que vivemos, são eles que, na grande maioria das vezes, são priorizados. Nos espaços políticos, dentro das famílias, dentro das organizações e demais espaços institucionalizados, é a eles que são atribuídas as posições de mais destaque e de tomada de decisões.

O problema é que costumamos romantizar os espaços exclusivos de mulheres, principalmente quando são espaços de construção política, tanto pelo discurso de sororidade, união e amor entre mulheres, difundido pela propaganda feminista, quanto pela promessa de segurança física e emocional que viria da ausência de homens. Porém, muitas vezes, dentro desses grupos, nos deparamos com ataques de mulheres a outras mulheres, com hostilidade e conflitos destrutivos que não vêm de discordâncias que poderiam gerar debates produtivos para o grupo. Mas não é surpreendente que isso aconteça.

A nossa socialização para a competição com outras mulheres é introyetada em nós desde que somos muito novas, quando nos comparam com outras crianças do sexo feminino, comparam nosso comportamento com o de mulheres mais velhas, nos forçam a “amadurecer cedo”, com jogos e brincadeiras que nos empurram para o casamento com homens. A necessidade de aprovação masculina que nos é ensinada como essencial para que sejamos completas é tão forte que é uma realidade inclusive para mulheres

que se relacionam sexualmente apenas com mulheres. Nossa rivalidade tem origem no medo de crescermos sós, sem uma família, e sem despertar o interesse de homens. Precisamos ser escolhidas, por isso precisamos ser melhor que as outras mulheres. Essa rivalidade é acentuada pelos avanços do capitalismo e do discurso liberal sobre meritocracia, quando há glamourização e reforço da competitividade e do individualismo, que nos separam cada vez mais da nossa compreensão de classe. Por isso, ainda que estejamos dispostas a rever as características relacionadas à feminilidade que nos são impostas na nossa educação, é muito difícil romper com a rivalidade entre mulheres.

Por isso, é nosso dever como feministas constantemente lembrar que somos todas socializadas dentro de um regime de heterossexualidade compulsória, que nos ensina a priorizar homens, como se nossa validação como seres humanos só se desse a partir da aprovação deles. Porque é a partir dessa lógica que nasce a competitividade entre mulheres. Somos ensinadas a ver outras mulheres como inimigas, somos ensinadas a rivalizar entre nós. Crescemos dentro de um regime

que prega ódio às mulheres. E mesmo aquelas que se propõem a priorizar e construir com mulheres não estão livres de reproduzir misoginia, que é a base ideológica da heterossexualidade compulsória e do patriarcado.

Considerando essa dinâmica, foi cunhado por Florynce Kennedy o termo “hostilidade horizontal”, em seu artigo de 1970, “Opressão Institucionalizada vs. a Fêmea” (1970: 438), impresso na antologia editada por Robin Morgan, “Sisterhood is Powerful” (Random House, 1970)<sup>1</sup>. Hostilidade horizontal, segundo ela, nada mais é do que hostilidade, inimizade e ódio direcionado a mulheres por outras mulheres.

“Hostilidade Horizontal é o melhor método do heteropatriarcado para nos manter em ‘nossos devidos lugares’; nós fazemos o trabalho dos homens e suas instituições por eles (...) nos faz direcionar nossa raiva (...) a outras Lésbicas e mulheres, porque sabemos que é mais seguro... (...) funciona para garantir nossa continuada vitimização dentro dos nossos próprios grupos, e nos mantêm silenciadas quando a maioria queremos falar; nos mantêm passivas quando a maioria queria desafiar, porque não que-

remos ser o alvo da raiva de outra Lésbica” (Julia Penelope, 1992: 60 apud Thompson: 1993)<sup>2 e 3</sup>.

A reprodução do ódio às mulheres pelas próprias mulheres, portanto, não se dá por motivos aleatórios, mas sim para a manutenção da nossa opressão. Essa rivalidade trabalha contra a organização de mulheres. Afinal, ela nos distancia do nosso reconhecimento enquanto classe que compartilha uma opressão, que é justamente o primeiro passo para que deixemos de nos conformar com nossa situação no mundo e lutemos por mudanças nas estruturas que mantêm e se utilizam da nossa subordinação. É também a rivalidade entre mulheres que ajuda na manutenção das relações de afeto com nossos opressores, para que sejamos mais dóceis à nossa própria exploração.

Segundo Florynce Kennedy, a hostilidade horizontal opera na reprodução da lógica de dominação e poder, que é o modelo que nos é apresentado e o único que realmente conhecemos. Sua principal manifestação é a destruição da reputação de mulheres dentro do grupo, por meio da disseminação de rumores que culminam na ostracização da mulher à qual essa hostilidade é direcionada.

O rumor é tática patriarcal de guerra. É uma versão distorcida e descontextualizada dos fatos, que, quando vem de quem detém o poder, se torna a versão oficial. Por meio dele, conflitos e violências contra grupos, povos e indivíduos são justificados, preconceitos são consolidados e também por meio dele se perpetua a rivalidade feminina. Como toda prática institucionalizada, é tido como natural e amplamente reproduzido entre mulheres, sendo um dos principais veículos da hostilidade horizontal<sup>4</sup>.

De acordo com Denise Thompson, em “Uma discussão sobre o problema da Hostilidade Horizontal” (1993), e Jo Freeman, em “Trashing: O Lado Sombrio da Sororidade” (1976)<sup>5</sup>, dentro de grupos, essa hostilidade é dirigida principalmente a mulheres que apresentam dois tipos de características: a) as que apresentam uma postura de liderança; e b) as que se colocam muito disponíveis para o acolhimento de outras membras do grupo e, em algum momento, não são capazes de praticar esse acolhimento. Veremos que, em ambos os casos, a hostilidade é direcionada especialmente a mulheres que rompem com aspectos da socialização feminina.

“Como parte da misoginia internalizada, as mulheres nos medimos umas às outras com o padrão que o patriarcado nos impõe. Nesse contexto, as mulheres tendem a rejeitar, desvalorizar, negar ou odiar quem fala em voz alta, quem tem suas próprias ideias, quem discute com paixão e sem concessões, quem questiona e vive sua vida com independência e autonomia, atrevendo-se a ser, pensar e agir, fora dos códigos da feminilidade imposta” (Edda Gaviola, 2015)<sup>6</sup>.

Mulheres são criadas para que desenvolvam e apresentem apenas certos padrões de comportamento e características de personalidade: docilidade, complacência, submissão; são criadas para que não desenvolvam por completo suas capacidades físicas, emocionais e psíquicas. É isso que a sociedade espera de mulheres. Por isso, não é admissível que mulheres exerçam liderança. Por outro lado, ao mesmo tempo em que mulheres são ensinadas a maternar e a cuidar de homens e crianças, são ensinadas a rivalizarem entre si e não acolherem umas às outras. Quando alguma mulher exerce esse tipo de cuidado dentro do grupo, as outras mulheres tendem a atribuir a ela um

papel consolidado de cuidadora, tanto pela carência de acolhimento entre mulheres, quanto pela atribuição do estereótipo maternal àquela mulher. Esse “cargos” de cuidadora é extremamente difícil de abandonar.

A hostilidade dirigida às mulheres que apresentam alguma capacidade de liderança, assertividade, algum nível de realização ou sucesso, parte da construção da feminilidade, que, como dito anteriormente, faz com que se espere que mulheres sejam dóceis, complacentes, maternais, que não realizem seus potenciais, que não pensem por si próprias. Assim, qualquer mulher que escape desses padrões de comportamento são tidas como agressivas e muitas vezes acusadas de reproduzirem papéis masculinos. É a personificação da competitividade entre mulheres. Às mulheres, não é perdoada a fuga da feminilidade. Por esse mesmo motivo, mulheres que a duras penas conseguem se desvincular de alguns papéis sexuais que são atribuídos às mulheres, especialmente mulheres lésbicas, são muito cobradas por serem assertivas demais.

Além disso, por terem abandonado certos aspectos da heterossexualidade compulsória,

mulheres lésbicas — principalmente aquelas que visivelmente não apresentam certas características da feminilidade — são vistas com desconfiança e receio por mulheres que se relacionam afetivo/sexualmente com homens, e às vezes até mesmo por outras lésbicas. Assim, são um grupo de mulheres que também são alvos de ódio e hostilidade.

Isso acontece mesmo entre aquelas que possuem o debate feminista. É comum que se confunda horizontalidade — que é tão prezada dentro de muitos grupos que pretendem escapar da lógica patriarcal de poder — com ausência completa de liderança. Com isso há o impulso de destruir qualquer mulher que apresente essa característica, em vez de incentivar e desenvolver em outras mulheres a capacidade de se colocar e expor ideias; ou mesmo de ter conversas no sentido de incentivar a construção coletiva dos espaços; ou ainda, de proporcionar conversas esclarecedoras sobre autoconhecimento, silenciamento e preservação de mulheres.

Jo Freeman (1976) aponta que, em vez de cobrar responsabilidade dessas mulheres que apresentam algum destaque, cobra-se culpa e arrependimento. Como

resultado, mulheres passam a temer o próprio sucesso e a deixar de apresentar ideias que seriam de grande ganho para o grupo. E isso serve de exemplo para outras mulheres; se torna uma forma de controle social, ou seja, mulheres deixam de ser proativas e de se colocarem por medo de sofrerem as mesmas consequências.

Como mencionado, a segunda categoria de mulheres comumente vítimas de rumores e detonação é aquela composta por quem costuma maternar, resolver problemas de outras mulheres do grupo, estar frequentemente disponível. Cria-se ao redor daquela que materna uma expectativa irreal, de forma que, quando ela não está disposta ou acessível para ajudar as demais ou está mais preocupada em se engajar em questões políticas ou outras questões do grupo que não são pessoais, outras mulheres sentem que são legítimas as cobranças sobre ela, que ela está falhando, quebrando com o seu papel, e assim ela se torna um alvo supostamente justificável de hostilização. Não é permissível que mulheres digam “não”.

E, muito embora, o discurso sobre a dificuldade de dizer “não” esteja aparentemente fortemente ligado às consciências



feministas, dentro dos espaços de militância, o “sim” continua sendo cobrado das mulheres e, mesmo divergências políticas são levadas para o lado pessoal. Desse modo, tanto mulheres que não se encaixam em todos os padrões da feminilidade quanto aquelas que em geral fazem o que é esperado

de mulheres não estão imunes a ter suas reputações colocadas em xeque.

Mulheres que erram também são vítimas de hostilidade. Estamos muito mais propensas a aceitar e relativizar erros de homens e não costumamos perdoar mulheres. Mulheres são mais

cobradas e mais punidas<sup>7</sup>. Essa hostilidade muitas vezes culmina em isolamento e demonização da mulher em questão. Essa mulher se torna automaticamente indefensável. Outras mulheres não vêm em sua defesa por medo de sofrerem também isolamento, e as que ousam defendê-la de fato têm esse destino. As ações hostis do grupo são relativizadas e legitimadas, enquanto as ações da mulher à qual a hostilidade é direcionada são julgadas de forma desproporcional. Não é raro que essa mulher esteja sendo usada como bode expiatório para outros problemas do grupo. Costumamos rotular mulheres por seus erros, e rotular é desumanizar. Mulheres que sofrem hostilidade horizontal muitas vezes passam a acreditar no que dizem sobre ela e que são prejudiciais para o grupo. Com frequência passam a internalizar sua própria desumanização.

A hostilidade horizontal é baseada em sentimentos, em questões morais e subjetivas, não em uma análise baseada em fatos e sem julgamentos das ações das mulheres. Embora ela se coloque, no discurso, muitas vezes como construtiva, a hostilidade horizontal machuca e prejudica a coletividade, já que, na prática, não

vem por uma vontade genuína de resolver conflitos.

Podemos nos fazer algumas perguntas para diferenciar hostilidade horizontal de críticas legítimas. Essa crítica é realmente necessária? É seu papel realizar essa crítica? Ela está sendo feita a partir de uma reflexão sem julgamentos com objetivo de construir uma relação saudável dentro do grupo? Ela está sendo feita diretamente à mulher, de forma cuidadosa e não pública, após essa reflexão? Ou ela está sendo feita em forma de rumores, possibilitando que a reputação da mulher seja destruída e que ela se torne odiada? É a ação da mulher que está sendo criticada, ou quem ela é? É importante ter em mente que a hostilidade horizontal não se sustenta dentro do grupo sem que se torne uma ação coletiva.

Ter cuidado ao falar e agir com outras mulheres não significa maternas e não significa que precisamos ser amigas de todas as mulheres ou que aceitemos de forma acrítica as ações de mulheres. Significa que há grandes chances de que nossas ações e sentimentos com relação a outras mulheres tenham base na nossa misoginia internalizada.

O ódio a mulheres é também baseado no auto-ódio. Isso fica claro quando passamos a nos entender enquanto classe. Numa sociedade em que somos perpassadas por misoginia, é prática feminista e uma necessidade que façamos uma autoanálise constante, que deixemos de julgar e rotular mulheres. É necessário que direcionemos nossa raiva não a mulheres, mas ao sistema que nos oprime. Enquanto feministas, comprometidas com a luta pela libertação de todas as mulheres, com o despertar crítico de mulheres, com a criação de uma nova sociedade, precisamos estar constantemente atentas para que a misoginia e a hostilidade horizontal não destruam nosso próprio movimento por dentro.

Precisamos ter em mente as incoerências entre nossos discursos e nossas práticas e caminhar em direção a uma genuína amizade política entre mulheres. Edda Gaviola, em “Notas sobre amizade política entre mulheres” (2015), diz: “A amizade política, como proposta coletiva, torna-se mais difícil e exige níveis mais elevados de análise e trabalho. Porque exige que estejamos alertas, despertas, contundentes e atentas às dinâmicas pessoais e

interpessoais que ocorrem nas relações construídas entre as mulheres”.

A amizade política entre mulheres se constrói com base numa revisão constante da nossa auto misoginia, na construção de cumplicidade com outras mulheres, no respeito mútuo, na recuperação de uma genealogia das mulheres.

“(…) volto a dizer que a afirmação da não existência da sororidade é nada mais do que chover no molhado. Sabemos que ela não existe, mas que está no horizonte, e por isso defendemos o Movimento de Libertação de Mulheres como único caminho para emancipação política e para o despertar crítico feminista, a fim de alcançarmos a verdadeira autonomia, por meio de uma Coletividade que considera a história das mulheres. Por meio de uma coletividade ética e compromissada única e exclusivamente com a vida de mulheres” (Fêmea Brava, 2018).<sup>8</sup>

É necessário que priorizemos mulheres. Que dediquemos nossos afetos e energias a mulheres. Só assim será possível uma união verdadeira entre mulheres, que é a força para destruir o patriarcado.

## Referências

1. Morgan, Robin (1970). "Sisterhood is powerful: An Anthology of Writings from the Women's Liberation Movement".
2. Penelope, Julia (1992). 'Do We Mean What We Say? Horizontal Hostility and the World We Would Create', in Penelope, J., Call Me Lesbian: Lesbian Lives, Lesbian Theory Freedom, CA: The Crossing Press.
3. Thompson, Denise (1993). "O Problema da hostilidade horizontal".
4. Franulic, Andrea; Gamboa, Jessica

- (2014). "De aquí no sale: reflexiones sobre el rumor".
5. Freeman, Jo (1976). "Trashing: O lado sombrio da sororidade".
6. Gaviola, Edda (2015). "Notas sobre a amizade política entre mulheres". Tradução Fêmea Brava. -e88569fde718>. Acesso em: 10/12/2020.
7. Sobre isso: Brava, Fêmea (2019). "A amnésia é do Patriarcado; mas como estamos usando nossa memória".
8. Brava, Fêmea. "Sororidade, utopia, continuum lésbico e a amizade política entre mulheres".





# ALGUÉM TEM UM ABSORVENTE?

Reconhecendo-se nas outras mulheres

Por: Bruna Santiago

Imagine o seguinte: você está num lugar público. Uma escola, um fórum, uma feira, uma universidade, um *shopping*, um restaurante, uma rodoviária, um clube, um posto na estrada, que seja. Você precisa ir ao banheiro e vai. É bem possível que haja lá outras mulheres. De outras idades, contextos, origens. Todas lá são anônimas umas às outras. E, enquanto você está lá, esperando sua vez, você ouve: “Gente, alguém tem um absorvente?”. Eu tenho certeza que você já esteve nessa situação.

É bem possível que tenha passado pela situação de pedir absorvente no banheiro da escola. Se não da escola, do trabalho. Ou do *shopping*, ou do restaurante, ou da rodoviária, ou do lugar que seja, para desconhecidas.

É um *meme* corrente na *internet*: quando uma menina/mulher precisa de absorvente, as maiores “inimigas” se tornam amigas íntimas. Porque nós nos reconhecemos na aflição da outra. Nós nos reconhecemos no aperto de ser pega de surpresa pela menstruação, sem ter um absorvente de urgência na bolsa. Nós nos reconhecemos na vergonha de ter a roupa manchada, e no medo de os meninos zombarem. Nós nos reconhecemos na dor da cólica. É algo básico, cotidiano, que une as mulheres. Uma brasileira negra, lésbica, com duas filhas, que mora na favela da Maré do Rio menstrua, sangra e sente dor tanto quanto uma japonesa de classe média em Osaka, no Japão, ou uma sueca heterossexualizada sem filhas, ou uma afegã que compartilha seu marido com outras três mulheres. Todas sangramos.

Propus esse exercício de abstração como contexto para o que o feminismo, enquanto movimento político, propõe. O que chamamos de sororidade, a irmandade entre mulheres, exige precisamente essa capacidade de nos reconhecermos umas nas outras. É importante destacarmos nossas diferenças, é óbvio que sim, mas para que possamos lutar juntas, é impres-

cindível não esquecer, não perder de vista, onde nos reconhecemos.

É por isso que nos anos 60, 70 e 80 do século XX, as feministas falavam tanto em “*sisterhood*” — irmandade entre mulheres. Os homens conseguem se reconhecer como irmãos, *manos*, *brothers*. Eles se admiram, se unem, asseguram o sucesso um do outro, porque reconhecem uns aos outros como seres humanos — é assim que o patriarcado se estrutura, afinal. Se mulheres não desaperceberem a ver a si mesmas e umas às outras como os homens nos veem, nunca conseguiremos romper as estruturas de poder que nos oprimem, exploram e subjugam. E isso passa por estender a mão às outras mulheres e reconhecê-las como nossas iguais.

Reconhecê-las como iguais não significa tolerar imbecilidades nem significa justificar comportamentos racistas, lesbofóbicos, capacitistas, xenofóbicos e afins. Significa olhar para mulheres como seres humanos, capazes de erros e acertos. Feministas, inclusive, também são pessoas. Militantes do movimento negro também são pessoas. Comunistas, anarquistas, ativistas dos movimentos sem teto e sem terra, todas são pessoas. Passíveis de cometer

erros, de falar besteira, de não serem 100% do tempo coerentes. Não somos robôs. Estamos em perpétua mudança, em perpétuos aprimoramento e crescimento.

Quando você olha pra outra mulher, o que você vê primeiro? Qual imagem mental vem primeiro à sua cabeça? Quando você ouve falar de uma atriz, cantora ou figura pública pela primeira vez, o que você pensa? Quando você fica sabendo de um “podre” de uma mulher famosa pela primeira vez, você lhe dá o benefício da dúvida? Quanto de rivalidade entre mulheres você alimenta na sua vida e nos seus círculos? Quanta rivalidade feminina você perpetua no seu humor, na sua linguagem, mesmo sem perceber?

Quando você olha pra uma mulher, você enxerga um ser humano completo ou você enxerga uma boneca ambulante?

Imagine: como seria o mundo se todas nós tratássemos nossas demandas, mesmo as que não são comuns a todas nós, como tratamos a demanda por um absorvente no banheiro — pelo simples fato de reconhecermos que tanto eu, quanto ela, ambas precisamos desse mesmo absorvente no banheiro?

Leitoras,

Chegamos ao último número do zine da QG Feminista. Todas as membras da QG Feminista estiveram envolvidas com o zine em algum momento. Além delas, dezenas de outras mulheres colaboraram com textos, traduções, ilustrações ou outras tarefas necessárias para essa produção.

O projeto do zine iniciou-se em 2018, sendo que a primeira edição foi lançada em junho. A partir de então lançamos os zines bimestralmente, com exceção deste número e do anterior, que tiveram um intervalo de tempo maior, devido a complicações ocasionadas pela pandemia do novo coronavírus.

Consideramos esse projeto um sucesso. Desde o começo nossa ideia era divulgação gratuita da história das mulheres. Durante esse tempo, recebemos muitos agradecimentos de professoras e professores que os utilizaram em sala de aula, de pessoas que trabalham com crianças e jovens privadas de liberdade e leram com elas, de coletivas que utilizaram em grupos de estudo, entre outros. Além disso, os zines foram selecionados para a mostra “Histórias feministas: artistas depois de 2000”, do MASP, integrando agora parte do acervo do museu.

Agradecemos a todas que contribuíram, que baixaram, que distribuíram, que compraram ou venderam a preço de custo em feiras, que imprimiram para ler ou presentear... Todas vocês que estiveram conosco durante este projeto.

A QG Feminista é uma coletiva que atua principalmente na divulgação do movimento de libertação das mulheres. A seguir, você pode ler nossa manifesta e saber quem somos, o que defendemos e o que fazemos. É com ela que queremos finalizar o projeto do zine, porque foi escrita depois de muito estudo e muita discussão! Isso, inclusive, é parte da nossa ideia de coletividade.

Por fim, este projeto finaliza, mas a QG Feminista segue firme com muitos outros, para despertar a consciência feminista nas nossas irmãs.

Continuem nos acompanhando e vamos juntas!

# MANIFESTA Q

## Nós somos

Uma coletiva de mulheres brasileiras que cometem a transgressão indesculpável de se declararem feministas e radicais.

De diversas partes do Brasil e do mundo; de diferentes histórias, trajetórias, idades, raças, classes, formações profissionais e orientações sexuais.

Múltiplas, e nosso olhar traz essa carga, porque é complexa a realidade da mulher atravessada pelas tensões de sexo, raça e classe; e a libertação de cada uma depende da libertação de todas.

As mulheres sobre as quais nós fomos avisadas e intimidadas para que não nos tornássemos.

## Nós acreditamos

Que o feminismo é a luta pela libertação de todas as mulheres.

Que mulheres e meninas, os seres humanos do sexo feminino, compõem uma classe de pessoas que é explorada sexual, doméstica, reprodutiva, intelectual, emocional, laboral e mentalmente pela classe masculina.

Que a supremacia masculina está na base e na origem de todas as formas de opressão: de sexo, raça e classe.

Que a supremacia masculina está na raiz de toda exploração entre povos, ambiental, animal e da vida como um todo.

Que a socialização de fêmeas é um processo violento de destruição e de repressão da subjetividade e de potencialidades, que objetiva adequar meninas e mulheres aos papéis sociais a nós destinados por conta de nosso sexo, ao nos inserir em uma estrutura hierárquica de servidão e de submissão à classe masculina.

Que os papéis sociais de sexo são uma ferramenta do sistema

# Q FEMINISTA

patriarcal, composta pela masculinidade e pela feminilidade, sendo a última imposta a nós por meio do processo de socialização.

Que a feminilidade deve, então, ser abandonada, abolida e jamais celebrada, nem exaltada.

Que a realidade material de meninas, mães, lésbicas e mulheres racializadas deve estar no centro de qualquer análise que se propõe feminista.

Que o processo de colonização e de exploração da América Latina é manchado, acima de tudo, pelas violências física e sexual cometidas contra mulheres indígenas e, mais tarde, contra mulheres negras, porque o patriarcado é parte da própria essência do colonialismo.

Que a heterossexualidade foi construída como um regime sociopolítico de controle de fêmeas, às quais é imposta, desde a tenra infância, a obrigação de construir suas vidas e suas relações — especialmente as afetivo-sexuais — em torno de homens.

Que o lesbianismo se coloca, portanto, não só como uma orientação, mas como um ato revolucionário de desobediência civil-político-sexual, por meio do qual mulheres negam a homens acesso a seus corpos e, conseqüentemente, a suas capacidades sexuais e reprodutivas.

Que o compartilhamento de experiências, de dores, de cura e de luta gera identificação de mulheres com outras mulheres, quebrando o ciclo de rivalidade e de misoginia internalizadas no qual somos colocadas no processo de nossa socialização.

Que a irmandade e a organização política de mulheres é a ferramenta mais eficaz de mudança e de revolução, por isso mesmo tendo sido temida, reprimida e punida por homens — quando não por eles apagada — ao longo da história.

Que nenhuma instituição e interesse masculinistas devem nos pautar ou nos servir de referência, tendo em vista que foram forjados e são mantidos a fim de legitimar e perpetuar o poder dos homens.

Que a utopia de um mundo feminista é possível; mas, para isso, deve ser calcada na educação feminista para o despertar crítico de meninas e de mulheres e numa educação emancipatória para nossas crianças, vítimas primeiras da supremacia masculina branca, para o abandono da feminilidade (e da masculinidade) como linguagens e formas de agir no mundo, estimulando a criatividade como o caminho da luta coletiva.

Que o objetivo último do feminismo, por meio da abolição de todas as instituições patriarcais, é a criação de novos paradigmas civilizatórios, firmados em ideais emancipatórios, revolucionários, contra-hegemônicos, de autonomia e autogestão, incompatíveis com as estruturas, símbolos e instituições de poder criados por homens e carregados, portanto, de ideologias masculinistas.

### **Nós fazemos**

A produção, a disponibilização e a popularização de material e ideais feministas, para auxiliar tanto em processos coletivos de formação e de organização quanto em processos individuais e subjetivos de emancipação e de conscientização política.

A crítica da violência masculinista exercida através das instituições patriarcais e dos discursos pretensamente progressistas, mas visivelmente misóginos propagados pela falácia liberal.

A divulgação e o fortalecimento dos pressupostos teóricos, das autoras e das obras feministas radicais no Brasil.

A formação e a capacitação de militantes, professoras e pesquisadoras.

Esta Manifesta não pretende esgotar nossas possibilidades e potencialidades de atuação na luta feminista. Como Coletiva, estamos em constante processo de conhecimento, formação e transformação, e isso, naturalmente, reverbera nas nossas ações.

ASSIM, CONSIDERAMOS QUE, HOJE, O QUE TRAZEMOS É O PRIMEIRO PASSO PARA O QUE MUITAS CHAMAM DE UTOPIA:  
UM NOVO MUNDO LIVRE PARA MULHERES E CRIANÇAS.

**ESTE ZINE É O RESULTADO DO  
TRABALHO DE VÁRIAS MULHERES.**

**QUALQUER PESSOA ESTÁ  
APTA A VENDÊ-LO PARA  
CUSTEAR SUA PRODUÇÃO.  
ESTE ZINE NÃO POSSUI FINS COMERCIAIS.**

**CADA MATERIAL PRESENTE NESTE ZINE  
PERTENCE À SUA RESPECTIVA AUTORA.**

**É PROIBIDO MODIFICAR ESTE  
MATERIAL SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA.  
NÃO RETIRE OS CRÉDITOS.**

**É LIVRE A REDISTRIBUIÇÃO  
DESTE MATERIAL.**

**2021 © CACHALOTE PUBLICAÇÕES**

